

# NÚCLEO INTERPRETATIVO

## DO MEGALITISMO DE ÉVORA

### 1 cromeleque dos Almendres

O Cromeleque dos Almendres foi identificado em 1964, por Henrique Leonor Pina. Terá sido construído nos alvares do Neolítico, período que corresponde, no caso de Évora, ao momento em que começaram a surgir os grupos pioneiros de pastores e agricultores. Trata-se de um recinto alongado, orientado no sentido E-W, composto por, aproximadamente, uma centena de menires. Está localizado próximo do cume de um ponto dominante sobre a paisagem, na vertente virada a nascente. Muito provavelmente, articular-se-ia com outros sítios notáveis, naturais e monumentais. Pela proximidade relativa, destacam-se os recintos da Portela de Mogos e Vale Maria do Meio, o par de menires de S. Sebastião e os menires do Monte dos Almendres e Vale de Cardos. Relativamente à decoração presente em alguns dos monólitos, são de destacar os báculos, o tema mais repetido, os crescentes, trapézios, retângulos e, finalmente, as linhas onduladas ou serpentiformes. É também possível encontrar “covinhas”. Em termos funcionais, não obstante outros fins, assinala-se a de observatório astronómico, relacionada com os trânsitos anuais do Sol e da Lua. Considerado um dos mais antigos monumentos da Humanidade, é tido como o maior recinto megalítico da península ibérica e um dos mais notáveis à escala europeia.



### 2 anta grande do Zambujeiro

A Anta Grande do Zambujeiro é o mais extraordinário edifício funerário megalítico em território nacional e, praticamente, sem paralelo à escala mundial. De entre as características que a tornam única surge, em primeiro lugar, a altura dos seus esteios; cerca de seis metros, visíveis. Em segundo lugar, dentro do protótipo que, com algumas ressalvas, foi o mais utilizado na arquitetura dolménica ibérica, isto é, uma câmara com sete esteios, chapéu monolítico e corredor baixo, mais ou menos longo, a Anta Grande do Zambujeiro é dos exemplares mais notáveis. Na altura da descoberta, em 1964, a câmara funerária encontrava-se selada e completamente envolvida pela mamoa, constituindo uma impressionante colina artificial com cerca de 50m de diâmetro. Atualmente, a tampa, fragmentada, encontra-se a ocidente do monumento. Na envolvente estão depositados dois monólitos, em granito. O primeiro, de formato paralelepípedo, está localizado à entrada do corredor; o segundo, a Sudeste, apresenta, na face visível, um número avultado de covinhas. Do seu interior foi recolhido um espólio abundante e excecional. Salientam-se os objetos rituais, de adorno e, provavelmente em substituição da arte megalítica que é possível encontrar noutras regiões, o vasto conjunto de placas e báculos de xisto, à guarda do Museu de Évora.



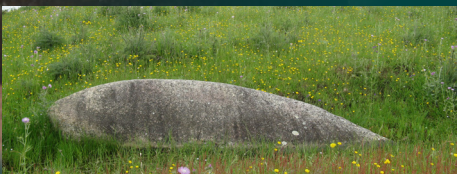
### 3 antas de Pinheiro do Campo

Conjunto de duas antas e um menir apartados algumas centenas de metros entre si. A Anta 2 funciona como ponto de referência e é reconhecível pelo posicionamento contíguo à estrada municipal 370, que conduz a São Sebastião da Giesteira. Trata-se de um monumento marcado pelo tempo que, ainda assim, mantém alguns dos esteios e parte da mamoa. Em data incerta o chapéu cedeu, encontrando-se atualmente depositado no interior da câmara funerária. Para norte da via de trânsito, a cerca de 0,5 km, localiza-se a Anta 1. Para além de classificada desde 1910 como monumento nacional, sobressai pela superior dimensão e pelo facto de preservar, no essencial, os elementos arquitetónicos originais. Conserva o chapéu e uma porção significativa da mamoa. Como aspeto negativo, encontra-se quase inteiramente coberta de vegetação arbustiva e por uma figueira que, com o tempo, pode ser altamente prejudicial à estrutura. Quase como nota de curiosidade, é de referir a intervenção realizada, na fase final do séc. XIX, pelo ilustre historiador eborense Gabriel Pereira. Sensivelmente a meio do percurso entre as antas, é de assinalar a existência do menir da Velada. Trata-se de um bloco granítico, de feição cilíndrica e dimensão moderada, que é possível vislumbrar, caído e fragmentado, em vedação limítrofe.



### 4 necrópole megalítica de Vale Rodrigo

Situado entre a Ribeira de São Brissos e a Ribeira de Valverde, Vale de Rodrigo caracteriza-se pela grande variedade de tipos de construção megalítica (dolmens de pequenas e grandes dimensões, tholoi, “mamoas” e um menir). Destacam-se três monumentos, sendo o mais interessante a anta 1. Trata-se de um edifício de falsa cúpula que mantém uma considerável e bem preservada mamoa. Na base desta está depositado um menir, decorado, cuja dimensão rondará os 4 metros de comprimento. Foi identificada em 1944, pelo casal alemão Georg e Vera Leisner, e objeto de escavação. Algumas centenas de metros antes de chegar ao Monte, contíguo ao caminho, é visível o segundo monumento. Apresenta câmara poligonal e está parcialmente coberto pela mamoa. O último podemos encontra-lo após transpor o Monte. Neste caso são visíveis vários dos esteios que compunham a câmara funerária ainda resguardados por uma porção, mais modesta do que nos exemplares anteriores, de mamoa. Nas últimas décadas, equipas interdisciplinares têm estudado a geologia das rochas utilizadas como matéria-prima na construção dos monumentos. Identificaram também minas abandonadas, cujo minério (30% de cobre) é suscetível de ter sido objeto de exploração pré-histórica. Resta referir que está classificado como Monumento Nacional.



### 5 antas do Paço das Vinhas

A anta 1 do Paço das Vinhas é um dos mais imponentes e melhor preservados monumentos megalíticos funerários do concelho de Évora. Trata-se de um notável dólmen de corredor, e terá sido edificado há cerca de cinco a seis mil anos. É constituída pela câmara funerária de planta poligonal, definida por 7 esteios graníticos rondando os dois metros de altura (visíveis), rematada pelo volumoso chapéu cravado de pequenas insculpturas, denominadas de “covinhas”. O corredor, seguramente dos mais longos que podemos observar na região, encontra-se muito composto sendo possível visualizar grande parte dos elementos in situ. Para além da descrição efetuada por Georg Leisner, nos meados da centúria passada, foi objeto de estudo e levantamento logo no século XIX por intermédio do arqueólogo francês E. Cartailhac. Este facto terá pesado, certamente, para a sua classificação como Monumento Nacional logo em 1910. De notar que a algumas centenas de metros, para as bandas do rio Degebe, avista-se a Anta 2, estrutura bem mais modesta no que toca à dimensão e, bastante mais marcada pela passagem do tempo. Por fim, a imagem da Anta 1 do Paço das Vinhas, vislumbrando-se por entre o montado de azinho, em planície que inclina suavemente em direção ao rio Degebe que passa próximo, constitui um enquadramento paisagístico de exceção.



### 6 menir do Monte dos Almendres

À semelhança da generalidade das paisagens megalíticas europeias, em Évora subsiste um conjunto significativo de menires isolados. O do Monte dos Almendres é um volumoso exemplar desse tipo. Apresenta forma ovóide, alongada e achatada e está posicionado na meia encosta, numa plataforma aberta a nascente. Na zona superior, vislumbra-se um báculo esculpido em baixo-relevo. Este é o elemento decorativo mais reiterado nos menires da região. Normalmente interpretado como o atributo do pastor, parece sugerir também a ideia do domínio do Homem sobre a paisagem. Por outro lado, são elementos marcantes e não deixa de ser interessante a feição algo antropomórfica de um menir ereto. Deste ponto de vista, há inclusivamente quem os interprete como formas embrionárias de escultura. Embora tenha sido reimplantado pelo proprietário há algumas décadas, é de considerar, até por uma questão de economia de recursos, que o seu posicionamento atual não se afastará muito do primitivo. Mesmo com esta reserva, parece negável a existência de um alinhamento solsticial com o recinto dos Almendres. Deste local, olhando na direção do menir, é possível observar o nascer do sol naquele que constitui o maior dia do ano, o solstício de Verão (Junho).



### 7 cromeleque de Portela de Mogos

Recinto megalítico identificado durante a segunda metade da década de sessenta pelo arqueólogo Henrique Leonor Pina. Não obstante, apenas assumiu a atual configuração no decorrer do último decénio do século passado, na sequência de uma intervenção arqueológica. Como corolário de todo esse processo, foi classificado como Imóvel de Interesse Público em 1997. Fazem parte deste conjunto um número que andará em torno dos quarenta monólitos, de feição predominantemente ovoide, alguns deles decorados. Em relação ao seu posicionamento físico, este cromeleque encontra-se, há semelhança do que acontece nos Almendres, acomodado na proximidade imediata do cume de uma encosta aberta a nascente.



### 8 antas da Herdade do Barrocal

Na herdade do Barrocal estão identificados cerca de uma dezena de monumentos funerários, num espaço relativamente contido. Se considerarmos as propriedades confinantes, esse número eleva-se quase para o dobro, o que revela a importância desta faixa territorial enquanto necrópole. As mais conhecidas e acessíveis, pela proximidade entre si e do caminho de terra batida que liga ao Monte, são a Anta 1 e 2 do Barrocal. Esta última é também conhecida como Anta da Velada das Éguas. São edifícios de média dimensão e planta poligonal que, em termos gerais, excetuando a mamoa e corredor, se encontram em condição estrutural muito aceitável. Ambas foram intervencionadas no século passado e a Anta 1 está classificada como Monumento Nacional desde 1910.



### 9 cromeleque de Vale Maria do Meio

Cromeleque identificado nos anos 90 do século passado pelo arqueólogo Manuel Calado. De resto, o mesmo investigador assumiu, com o apoio da edilidade eborense, a sua escavação no decorrer de 1995. Nessa altura recolocaram-se “in situ”, recorrendo a cordas e toros de madeira, com o apoio de voluntários, os menires cujos alvéolos foram identificados. Este monumento apresenta planta alongada e conserva, aproximadamente, três dezenas de menires, dois dos quais decorados, de configuração próxima do ovóide. Embora construído em paisagem mais suave, a verdade é que o posicionamento dos monólitos replica o que acontece nos Almendres e na Portela de Mogos, ou seja, na envolvente do topo de uma elevação, neste caso moderada, virada a nascente. Em 2013 foi reconhecido como Monumento Nacional.



### 10 herdade das Murteiras

Na Herdade das Murteiras estão identificados um povoado, duas sepulturas e uma anta. A Anta das Murteiras é um monumento mediano, incompleto, que preserva vestígios da mamoa. Foi classificado Monumento Nacional em 1910. A sepultura 1 da Hortinha tem câmara poligonal, corredor curto e foi reutilizada no dealbar da 1ª Idade do Ferro. A sepultura 2 mantém alguma integridade estrutural, no entanto foi, aparentemente, profanada e o seu conteúdo parcialmente removido. Quanto ao Povoado, parece estender-se por uma área de 12 ha. Foi instalado num ponto dominante e, paisagisticamente, é um lugar marcante pela presença de afloramentos verdadeiramente impressionantes.



design gráfico



apoios



créditos fotográficos

José Manuel Rodrigues  
João Santos  
Gustavo Val-Flores

cartografia

Francisco Bilou



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Centro Histórico de Évora  
inscrito na Lista do Património Mundial em 1986



# évora

## capital do megalitismo ibérico

Os arredores de Évora, e sobretudo o território a Oeste da cidade, constituem, a paisagem megalítica mais diversificada e monumental. A quantidade e as dimensões dos monumentos megalíticos de Évora relacionam-se, antes de mais, com a posição privilegiada deste território, em termos de transitibilidade natural: de facto, nos arredores da cidade, encontramos o único ponto em que as bacias hidrográficas dos três maiores rios do Sul - o Tejo, o Sado e o Guadiana - se tocam.

O papel estruturante nas redes viárias primitivas, desempenhado pelos cursos de água e pelos festos - as linhas divisórias das bacias hidrográficas - foi certamente determinante na excepionalidade do megalitismo eborense.

Por outro lado, se considerarmos o megalitismo como um fenómeno enraizado nas práticas culturais das últimas comunidades de caçadores-recolectores, em face de profundas transformações, vindas do Mediterrâneo Oriental, juntamente com o modo de vida agro-pastoril, o carácter específico da área de Évora parece ser uma

consequência das dinâmicas dessas comunidades que tiveram, nos estuários do Tejo e do Sado, tal como na Bretanha, dois dos núcleos mais importantes da fachada atlântica europeia.

Os monumentos/sítios, propostos neste Roteiro, não estão isolados. Só no distrito de Évora, conhecem-se, atualmente, mais de uma dezena de recintos megalíticos, quase uma centena de menires isolados (ou associados em pequenos grupos), perto de oitocentas antas e cerca de quatrocentos e cinquenta povoados “megalíticos”. Existem ainda alguns raros exemplares de monumentos aparentados, os tholoi, e, na área da Barragem do Alqueva, foi descoberto um extraordinário santuário de arte rupestre, actualmente submerso. Conhecem-se igualmente cerca de uma centena de pedras com covinhas, monumentos misteriosos certamente relacionados com o megalitismo; com efeito, as covinhas surgem, frequentemente, gravadas nos próprios monumentos megalíticos.

MANUEL CALADO

### versão portuguesa



roteiro  itinerário

# évora megalítica



## roteiro do megalitismo

### legenda

- Auto-Estrada
- Estrada Nacional
- Linha Férrea
- caminho de acesso

- 1 cromeleque dos Almendres
- 2 anta grande do Zambujeiro
- 3 antas de Pinheiro do Campo
- 4 necrópole megalítica de Vale Rodrigo
- 5 antas do Paço das Vinhas
- 6 menir do monte dos Almendres
- 7 cromeleque de Portela de Mogos
- 8 antas da Herdade do Barrocal
- 9 cromeleque de Vale Maria do Meio
- 10 Herdade das Murteiras

